

Sobre encontros e cicatrizes: a experiência de pesquisar e atuar com pessoas em situação de rua

Amanda Moreira Teixeira¹
Andrea Vieira Zanella²

About Encounters and Scars: The Experience of Researching and Acting with Homeless People

Sobre encuentros y cicatrizes: La experiencia de investigar y actuar con personas en situación de calle

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as cicatrizes produzidas no processo de pesquisas com pessoas em situação de rua, em diálogo com os conceitos de experiência e narrativa de Walter Benjamin, bem como as discussões de Espinosa sobre corpo e afecções. Foram analisadas 3 cicatrizes: a cidade como potência de encontro; o feminismo que pulsa nas ruas; e a imagem de uma colagem feita com fotografias dos figurinos criados pelos/as participantes da pesquisa para uma peça de teatro por eles/as protagonizada.

Palavras-chave: *Experiência; Narrativa; Psicologia Social; Arte; Pessoas em situação de rua.*

Abstract

The aim of this article is to analyze the scars produced in the process of researching with homeless people, in dialogue with Walter Benjamin's concepts of experience and narrative, as well as Spinoza's discussions on body and affections. Three scars were analyzed: the city as a power of encounter; the feminism pulsating in the streets; and the image of a collage made from photographs of the costumes created by the research participants for a play they starred in.

Keywords: *Experience; Narrative; Social Psychology; Art; Homeless people.*

1 Mestre em Psicologia Social e Cultura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Psicóloga. Email: amoreirate@gmail.com.

2 Pós-doutora em Psicologia (Università Degli Studi di Roma La Sapienza e na UFRGS), docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: avzanella@gmail.com.

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar las cicatrices producidas en el proceso de investigar con personas en situación de calle, en diálogo con los conceptos de experiencia y narrativa de Walter Benjamin, así como las discusiones de Espinoza sobre cuerpo y afecciones. Se analizaron tres cicatrices: la ciudad como potencia de encuentro; el feminismo que pulsa en las calles; y la imagen de un collage hecho con fotografías de los disfraces creados por los participantes de la investigación para una obra de teatro en la que fueron protagonistas.

Palabras clave: *Experiencia; Narrativa; Psicología Social; Arte; Personas en situación de calle.*

Introdução: Sobre pesquisa, experiência e narrativa

Delimitar um campo-tema (Spink, 2003) de pesquisa em ciências humanas implica olhar para o entorno, para o que nos captura e nos leva a assumir escolhas. Enquadramos, como em uma fotografia, o território a ser vivido e pensado, onde e com quem vamos nos aventurar e nos permitir sermos marcadas/os e transformadas/os.

Os encontros tecidos com pessoas em situação de rua (PSR) – pessoas que fazem das vias públicas lugares de moradia em uma cidade do sul do Brasil (Florianópolis) – constituem o campo-tema da pesquisa aqui relatada, a qual apresenta como objetivo analisar as cicatrizes produzidas no processo de com elas pesquisar. Investigar e apresentar o que marca o corpo daquela/e que pesquisa pode auxiliar outras/os pesquisadoras/es a pensar o processo de pesquisar com seres humanos como uma atividade que ocorre de maneira situada. As análises foram tecidas em diálogo com os conceitos de experiência e narrativa, de Walter Benjamin (1994), corpo e afecções, de Spinoza (2006), bem como com discussões apresentadas por pesquisadores/as contemporâneos/as que trabalham com temáticas relacionadas às condições de vida de PSR.

A pesquisa iniciou com a participação da pesquisadora em uma oficina de teatro oferecida para pessoas em situação de rua pela Organização Não Governamental e Centro de Convivência e Cultura Instituto Arco-Íris de Direitos Humanos, sediada no centro histórico de Florianópolis/SC. Porém, paulatinamente os encontros foram acontecendo também em outros espaços, como em praças e nas ruas transformadas por essas pessoas em lugares de moradia.

Compreendemos que tanto o enquadramento campo-temático e o desenvolvimento de uma pesquisa, bem como as escritas que dela sucedem, são marcados por afetos e afecções. São também marcados pelo compromisso com os sujeitos envolvidos, ou seja, com as pessoas com as quais se tecem os encon-

tros e as condições em que os sentidos são coletivamente produzidos. Isso porque o pesquisar refere-se a um processo circunscrito por condições históricas e culturais, pelas possibilidades por estas constituídas e também seus limites, sendo que os últimos são tensionados e problematizados em decorrência “da vida que se quer (re)inventar” (Groff *et al.*, 2010, p. 102).

Algumas questões discutidas por diversas/os autoras/es (Caruso, 2015; Simas; Machado, 2017; Sicari, 2018; Santos; Zanella, 2021) emergiram no processo de desenvolvimento da pesquisa, e sobre elas não foi possível silenciar. As histórias de vida das pessoas com as quais a pesquisa foi realizada; o tensionamento do olhar comumente direcionado a elas por parte de outras/os habitantes da cidade e do Estado; as violências aos seus corpos através de envenenamentos, esfaqueamentos e outras agressões, incluindo a retirada de seus poucos pertences como colchão, barraca, entre outros, para uma limpeza higienista da cidade. A recusa de uma postura pretensamente neutra deu lugar, por conseguinte, à assunção do pesquisar como experiência a ser também analisada, juntamente com as relações construídas com as/os participantes do processo.

Walter Benjamin (1994) fala sobre experiência e narrativa em diferentes momentos de sua obra. Em *Experiência e Pobreza*, o autor alemão discorre sobre uma forma de miséria relacionada à mesma, exemplificando o silêncio com o qual voltavam os combatentes do campo de batalha findada a primeira guerra mundial. Tratava-se de uma pobreza em experiências narráveis e transmissíveis de maneira oral, decorrente do trauma vivido. Os livros didáticos e de guerra que se sucederam, por sua vez, eram carregados de informações, mas não de experiências (Benjamin, 1994).

O conceito de experiência, segundo a perspectiva benjaminiana, está inextricavelmente relacionado à narração, pois a construção da experiência está entrelaçada à construção de uma narrativa. Para o autor alemão, a experiência narrada ou a arte de contar estava em declínio nas primeiras décadas do século XX, tornando-se rara devido a alguns aspectos característicos da socieda-

de capitalista: uma maior distância entre gerações e/ou grupos humanos em função da velocidade das mudanças nas condições de vida, o que dificultava a constituição de um comum entre narrador e ouvinte, uma comunidade da experiência; o processo rápido e fragmentado do trabalho industrial e em cadeia; a difusão da informação; o surgimento do romance no início do período moderno que, diferente da narrativa, tem sua origem no indivíduo isolado e não nas experiências passadas de pessoa para pessoa: não se relaciona, portanto, à tradição oral nem como ponto de partida, nem como contribuição para a sua perpetuação (Gagnebin, 2018; Benjamin, 1994).

A crítica situada em uma determinada época permanece atual, pois a narrativa tem como fonte as experiências transmitidas de pessoa para pessoa e o narrador é aquele que retira da experiência – sua ou daquelas relatadas pelos outros – aquilo que constitui o que conta (Benjamin, 1994). Quais as condições para essa transmissão na atualidade? Quais as condições e possibilidades para a constituição de experiências significativas, narráveis, nesses tempos marcados pelo predomínio da aceleração na produção e difusão de informações? Cabe diferenciar a narrativa da informação, pois a primeira se conserva na medida em que é contada e escutada, traz os vestígios da pessoa que narra e permite a quem a escuta interpretar como quiser, ou mesmo dar conselhos de continuação à história e indagar sobre seu inacabamento ao se questionar: como continua? E o que aconteceu em seguida?

A partir dessas inquietações e do desejo de constituir a narrativa da pesquisa como expressão da densidade dos encontros tecidos no território pesquisado, experiência e narrativa foram considerados como artefatos políticos e metodológicos, constituindo um campo epistêmico afastado da ideia de neutralidade, distanciamento e objetividade da relação com o mundo pesquisado. Foi assumido o fazer parte desse mundo de maneira situada, o habitá-lo de modo a interrogar e tensionar as linhas de força presentes, provocando fissuras que permitissem a criação de novos mundos, incluindo um novo pesquisador e uma nova pesquisadora (Mizoguchi, 2015).

Vários podem ser os pontos de partida para a narrativa da pesquisa e todos congregam algo em comum: as afetações cunhadas em encontros. O encontro aqui é compreendido como resultado de um deixar-se afetar pelo que acontece. A filosofia da *Ética* de Spinoza (2006) refere que o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, o que faz com que sua potência de agir aumente ou diminua. O autor define o afeto como “as afecções de um corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (Spinoza, 2006, p. 163). Está incorporada nestas definições a dimensão do encontro do corpo humano com outro – ideia, outro corpo, humano ou não etc. – que lhes produz uma variação na potência de ação, de sua capacidade de existência.

A abertura aos encontros é condição de possibilidade para que afecções tenham lugar de acontecimento no corpo, produzindo cicatrizes que são assimiladas, revisitadas e significadas. São apresentadas, neste artigo, algumas dessas cicatrizes que passaram a constituir o meu corpo enquanto pesquisadora mulher cis gênero branca e nortista morando em uma cidade da região Sul do Brasil. Permitir que elas, as cicatrizes, falem, é dar passagem para que produzam efeitos, pensamentos e afetos em quem se disponha a escutar esta narrativa. Uma narrativa que apresenta as marcas da própria narradora, pois nela “ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso de argila” (Benjamin, 1994, p. 205).

Do caminhar às cicatrizes: o percurso

O campo-tema de pesquisa foi constituído, conforme relatado na introdução, com o acompanhamento e participação nas oficinas de teatro ministradas na ONG Centro de Convivência e Cultura Instituto Arco-Íris de Direitos Humanos, em Florianópolis/SC. Esta ONG foi fundada em 1997 por pessoas vivendo com HIV/Aids, familiares, profissionais da saúde, educação, serviço social e direito. A equipe que o constitui desenvolve, junto com pessoas em situação de vul-

nerabilidade social, trabalhos que envolvem a redução de danos relacionados ao uso de drogas, a prevenção das infecções de transmissão sexual, bem como a promoção de oficinas gratuitas de artesanato, teatro, yoga e música. Ao longo dos anos, implementou e ainda implementa projetos e parcerias com o Ministério da Saúde, Ministério da Cultura, Governo de Santa Catarina, com a Prefeitura Municipal de Florianópolis, grupos e coletivos culturais e artísticos da cidade, como o Africatarina e o Baque Mulher. Frequentam a instituição pessoas em situação de rua, profissionais do sexo, usuários do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), estudantes universitários, pessoas vinculadas à movimentos sociais, artistas, entre outros.

A minha aproximação com o Instituto Arco-Íris iniciou-se em novembro de 2019. Durante 10 meses participei das oficinas de teatro, frequentando a ONG aproximadamente quatro vezes por semana, quatro horas por dia. Somaram-se a essas atividades andanças pelas praças e ruas no entorno do Instituto, o que possibilitou encontrar algumas das pessoas que lá conheci e conversar com elas. Além dessas atividades, foram realizadas no decorrer da pesquisa entrevistas com 11 pessoas em situação de rua (PSR) envolvidas com o processo de criação e apresentação das peças teatrais.

Para a construção da narrativa que ora apresento, revisei o diário de campo em que registrei sensações, acontecimentos que me chamaram a atenção, dúvidas, inquietações no final de cada encontro, bem como as reminiscências desses acontecimentos. Esse diário de campo tornou-se um companheiro das idas e vindas do processo, geralmente aberto minutos ou horas depois dos encontros. Deu alento às minhas angústias, na medida em que nele eu as objetivava em forma de palavras; acalmou-me quando ávida me senti para realizar os registros do que mais havia me marcado; e também provocou desespero ao fitar as páginas em branco nos dias em que tanto acontecia e eu não sabia por onde começar a narrar. O caderno novo e com quase nenhuma marca de uso se transformou, com o passar dos meses, em um caderno gasto, com rasgos nas laterais da capa, páginas amareladas e preenchidas por escritos com

letras tortas e tremidas devido ao movimento do ônibus que me levava do centro da cidade para a universidade. Neste caderno foram grafadas também algumas notas e lembretes, trechos de leituras e desenhos.

Trata-se, esse diário de campo, de um compilado de vestígios e criações advindas das afecções que compuseram o pesquisar. Assim como ele, eu também ganhei marcas, as quais perduram em meu corpo como cicatrizes oriundas dos encontros que edificaram a pesquisa, aceitando os rumos que delas se fizeram possíveis, permitindo-me ser levada pelas discussões que aqui se desenvolvem. São apresentadas e analisadas neste texto, à luz das contribuições benjaminianas, spinozistas e de pesquisadores/as contemporâneos/as que se dedicam à discussão das temáticas em foco, 3 cicatrizes, a saber: a cidade como potência de encontro; o feminismo que pulsa nas ruas; e uma colagem com fotografias dos figurinos criados para uma peça de teatro protagonizada pelos/as participantes da pesquisa.

Cicatriz 1: “Todo artista tem de ir aonde o povo está”, a cidade como potência de encontro

Constituída de cimento e memórias, rastros e evidências, corpos e seus movimentos, a cidade é viva. Sua arquitetura e suas fronteiras nos dizem sobre as forças que nos impulsionam a determinados espaços e modos de vida e delas são também resultado; através dos movimentos de conformidade ou contraponto a essas forças, empreendidos pelos corpos que nela habitam, a cidade pulsa (Flach; Paulon, 2019; Torres, 2019; Machado; Linhares, 2018; Zanella *et al.*, 2014; Hissa; Nogueira, 2009; Nogueira, 2013).

Este olhar para a cidade em sua pulsação constituiu o terreno sobre o qual a narrativa da pesquisa foi erigida. É nesse/com este lugar “de encontros e confrontos, e potência de relações, de negociações, de conflitos, de evidências e restos” (Assis; Zanella, 2016, p. 195), nas possibilidades de alteridade que ele

nos proporciona, que existimos, seja em conformidade com discursos hegemônicos, seja estranhando-os, confrontando-os, tensionando-os.

A cidade pode ser potência de encontro com o outro, com o contexto e com nós mesmos. Mas em que medida permitimos que esses encontros aconteçam e venham a se constituir em experiências partilhadas? Em que medida a experiência do encontro com a alteridade produz cicatrizes em nossos corpos?

Fui ao Centro meio correndo como estratégia de driblar minha ansiedade, acho que acabei foi pegando carona com ela. Atravessei a cidade em piloto automático como talvez seja o costume para a maior parte das pessoas. Cheguei à Praça XV e virei na Rua Tiradentes, me perguntei sobre tudo o que já passou por aquela rua. Caminhei até o Arco-Íris na esperança de estar acontecendo a oficina de teatro, ao invés disso encontrei um colega do curso de psicologia, ele me contou sobre seu novo estágio e entramos no instituto (Diário de Campo, 2019).

Percebo através dessa anotação em diário de campo que, apesar de já realizar reflexões sobre contextos urbanos e a modernidade, a partir de Benjamin (1994), caí na armadilha de atravessar a cidade privando-me de vivenciá-la e me demorar com ela. A leitura dessa e outras anotações, por sua vez, possibilitaram-me problematizar as relações que estabeleci na e com a rua que frequentei regularmente ao longo da realização da pesquisa, lugar em que encontrei muitas das pessoas com as quais pesquisei.

A Rua Tiradentes localiza-se em uma das partes mais antigas do centro fundador da cidade de Florianópolis/SC, chamada de “área leste da praça” ou “Pedreira”. Essa área, considerada por muito tempo como um “bairro sujo”, de cortiços, lavadeiras, marinheiros e “gente de má fama” (Cabral, 1979), concentra atualmente edifícios antigos, atividades de comércio popular, bares que se estendem com suas cadeiras para as calçadas e que organizam algumas programações musicais como, por exemplo, uma roda de samba aos sábados junto às feirinhas de antiguidades e outros artefatos.

Ao passo que escrevo e reconstituo, com o apoio da imaginação, lembranças no/com o lugar, relembro as outras maneiras de viver meu corpo no encontro

com o corpo da cidade, propiciadas pelo encontro com as pessoas com as quais realizei a pesquisa, como registrei no excerto do diário de campo que apresento a seguir:

Kvera e Omar Jabal disseram-me que queriam fazer a entrevista juntos, respondi que não havia problema, pois queria que se sentissem à vontade para viver esse momento da forma que achassem melhor. Separei os papéis e documentos relativos ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que lêssemos juntos, mas antes perguntei onde eles gostariam de realizar a entrevista. Kvera respondeu para irmos para o ‘paredão’, ao que Omar concordou prontamente ‘boa, vamos para o paredão’, assenti com a escolha, mesmo não fazendo ideia do que era este lugar. Caminhamos em direção ao então Paredão e, no caminho, enquanto atentava aos detalhes das árvores iluminadas pelo dia ensolarado ainda que tímido pelas nuvens, flagrei-me em um nervosismo, senti as mãos frias, pois era a primeira entrevista da pesquisa que eu realizava, estava animada e sentia uma euforia no corpo. Fui surpreendida quando Omar confessou rindo: ‘puts, tô até nervoso’ (Diário de Campo, 2019).

A escolha de irmos ao “paredão”, localizado no centro da praça Tancredo Neves, pareceu reconhecer o caráter de importância da entrevista para nós três. Além da expectativa com a entrevista, eu não tinha ideia do que era o “paredão”. O nervosismo, as mãos frias, pareciam conectar-se com um sentido para essa palavra, a remeter mais a uma condição do que a um lugar propriamente. Sentia-me em um paredão. Era chegada a hora de me posicionar, fazer as perguntas norteadoras pensadas meses antes, antes mesmo de conhecê-los. Perguntei-me se não seria eu, uma mulher de 25 anos, branca, indo a um lugar desconhecido na companhia de 2 homens mais velhos que até então pouco conhecia, a entrevistada, se não seria eu a pessoa a ser colocada no paredão.

Kvera e Omar Jabal são homens cis gêneros e brancos, 42 e 56 anos, de outros estados da região sul do país. Ambos vivem em situação de rua na região central de Florianópolis. Kvera foi uma pessoa que me recebeu muito bem desde o primeiro dia em que frequentei o Instituto Arco-íris. Estava calado enquanto outros participantes da oficina de teatro discutiam questões relati-

vas à peça que iriam apresentar. Falando baixo, ele me ofereceu um café. Ao final daquele encontro, quando eu já estava na porta, Kvera pegou sua bicicleta e me contou sobre as praias que já conhecia. Contava nos dedos aquelas que faltavam para que ele tivesse frequentado todas as principais praias da cidade em que ambos morávamos, em situações tão diferentes. Dei-me conta de que eu pouco conhecia essas praias e tive a impressão de que Kvera, ao me contar aquilo, queria se apresentar e também contar histórias da sua trajetória. Mais tarde soube que aquele também havia sido seu primeiro dia na oficina de teatro. Ele me contou que foi participar das oficinas a convite dos amigos e que, até então, não havia tido uma oportunidade de fazer arte a não ser em clínicas [de reabilitação], onde ele achava roupas e maquiagens, e brincava de se fantasiar.

Omar Jabal, por outro lado, já era frequentador do Instituto Arco-íris e das oficinas. Chamava-me a atenção que ele tinha aproximadamente a idade de meus pais. Talvez algo nesse sentido tenha também chamado à atenção dele, pois em algum encontro ele me contou sobre seus filhos e netos que moravam em outras cidades.

Nas oficinas, algumas vezes levei meu violão na expectativa de contribuir musicalmente com a peça. Tivemos alguns momentos musicais, após os ensaios, nos quais eu tocava ou buscava aprender alguma música para cantarmos ou improvisarmos juntos. Posteriormente, Omar me convidou para acompanhá-lo musicalmente em uma apresentação em um sarau. Foi assim que descobri que ele era fã de Milton Nascimento, cantor e compositor carioca radicado em Minas Gerais. Foi assim que aprendi a tocar *Nos Bailes da Vida*, composição de Milton Nascimento e Fernando Brant. Foi assim que cantamos juntos que “todo artista tem de ir aonde o povo está...”.

Retorno ao paredão. Para qual lugar estávamos indo? O que era o paredão? Após caminhar por alguns minutos com Omar Jabal e Kvera, percebi que se tratava, no caso do chamado ‘paredão’, de uma obra de arte, no estilo mosai-

co, intitulada *Santa Catarina de Alexandria*, do artista Rodrigo de Haro. A obra retrata a santa que dá nome ao estado na qual se encontra: Santa Catarina. Embora marcada pela perspectiva religiosa que a intitula, a composição do artista se afasta daquela relativa ao belicismo medieval assentada na binariedade Bem e Mal, conforme discorre Luana Wedekin (2019):

Sua perspectiva aproxima-se mais da abordagem do historiador alemão Aby Warburg, da imagem como encruzilhada de culturas e tempos. Aliás, o artista, devoto declarado da santa, dedicou inúmeras pinturas, algumas em coleções privadas; mas igualmente importantes obras legadas ao povo catarinense através de mosaicos em lugares públicos, como a bela obra na Praça Tancredo Neves (conhecida como Praça dos Três Poderes), em Florianópolis. Rodrigo de Haro oferece a imagem e a oração da santa à devoção do povo catarinense, que pode então louvar a padroeira do estado e protetora dos *navegantes, dos artesãos, das rendeiras, dos trabalhadores com rodas, das costureiras e daqueles que consultam as estrelas* (Gougon, 2003 *apud* Wedekin, 2019, p. 122).

A escolha das pessoas com as quais pesquisei e as imediações do paredão como local para a realização das entrevistas me conduziram, de modo diferente ao planejado, ao encontro com a arte na cidade e a experiência na praça, onde a obra está localizada, de modo que, na velocidade da vida cotidiana, até então não havia sido possível. Fui mobilizada, a partir desse encontro, a refletir sobre os sentidos e usos possíveis do espaço público empreendido por Omar Jabal e Kvera, que transcendem e subvertem os modos de viver a cidade, pautados pela lógica do consumo e pela velocidade da vida contemporânea.

Fui mobilizada a pensar sobre as minhas próprias relações com a cidade, com esse lugar que, como migrante do Norte do país, passei a habitar em 2012 e que ainda desconheço.

Com Omar e Kvera, conheci espaços outros e me permiti estabelecer relações outras também com eles e com o lugar. Nas mesmas ruas em que eu já havia transitado entre lojas e/ou bares caminhei com Omar Jabal. Após uma tarde de caminhadas pelo centro e lugares de arte e cultura abertos ao público, ele me disse, despedindo-se: “agora vou seguir, vou atrás de uns papelões e me

preparar para a noite”. Senti o estranhamento frente às nossas diferenças decorrentes de condições sociais diversas. Retornava à minha casa para dormir e imaginava: não fossem os privilégios, estaria eu também nos papelões? Não fossem as desigualdades sociais, não estaria ele também retornando para dormir em uma casa com teto e condições menos adversas que a rua? Nesse devaneio eu me lembrava de outras diferenças. Entre elas, as relativas às questões de gênero, o que se intensificou em outros momentos e produziu a segunda cicatriz.

Cicatriz 2: Algumas reflexões sobre o feminismo que pulsa nas ruas

Aline Salles é uma mulher negra cisgênero de 35 anos que integra o Movimento População de Rua de Santa Catarina. Foi uma das criadoras e protagonistas da peça de teatro *Saga Por um Banho*, juntamente com as demais PSR que frequentavam a oficina de teatro na ONG Instituto Arco-Íris. A peça foi apresentada em 2018 e 2019, em Florianópolis/SC, em diferentes espaços (Teixeira, 2022). Atualmente, Aline é também coordenadora do *Voz das Manas*, um coletivo feminista de fortalecimento e vínculo de mulheres em situação de vulnerabilidade criado no ano de 2021.

Ao longo dos ensaios e encontros que constituíram o campo da pesquisa, Aline Salles levantou questões sobre as mulheres em situação de rua. Suas inquietações me afetaram e levaram a refletir acerca dos feminismos com os quais tive contato na forma de leituras, aulas, encontros e práticas:

No caminho, penso muito na Aline. Leio no ônibus uma reportagem da Revista Piauí sobre feministas brasileiras em Portugal e lembro de uma das falas inseridas pela Aline na peça: ‘você sabia que não há políticas públicas para mulheres em situação de rua?’. Pergunto-me sobre as demandas das mulheres, penso na Aline, na Débora, na Jeniffer e em todas as mulheres que em algum e/ou nesse momento fazem das ruas sua moradia (Diário de Campo, 2019).

Aline levanta uma questão que diz respeito às mulheres em situação de rua: trata-se da importância de políticas públicas voltadas a elas, com destaque

para a condição em que vivem e que podem vir a viver. Algo distante da mulher marcada por condições de classe, sexualidade, raça idealizadas, por uma tradição de feminino hegemonicamente direcionado às mulheres brancas, domiciliadas, que se ocupam da esfera doméstica, da maternidade, do casamento, etc.

Luana Malheiro (2020) questiona sobre a condição de ser mulher a que estavam sujeitas as participantes de sua pesquisa, usuárias de crack, bem como o acesso às políticas públicas por parte de mulheres em situação de rua e/ou usuárias de drogas. O questionamento decorreu do relato de uma delas, Janete, que conta que estava em situação de rua com a filha e o marido e sofrendo ameaças por parte do mesmo. Com medo, Janete se direcionou a uma delegacia da mulher para prestar queixa e, segundo ela, foi maltratada. Ela queria falar das ameaças que vinha sofrendo, porém, a delegada questionava se ela era usuária de crack; insistia que não devia andar em certos lugares e que a casa de abrigo não era uma opção para ela; afinal, não seria permitida sua entrada por estar em situação de rua e ser usuária. Janete se questiona no relato trazido por Malheiro: “aquela não era uma delegacia para mulher? Então eu sou menos mulher? Não sou mulher não?” (Malheiro, 2020, p. 237).

Segundo Malheiro (2020), a vivência de Janete nos auxilia a compreender os limites práticos de uma lei criada, considerando a violência vivida por uma mulher pretensamente “universal” que possui domicílio, a qual produz barreiras ao acesso a determinados equipamentos de proteção. A negação e a negligência por parte de serviços públicos às mulheres em situação de rua, bem como as violências cometidas por instituições e policiais, são também discutidas por Clarissa de Antoni e Aline Munhós (2016).

Recordo-me de uma das falas de Débora da Silva, mulher parda de 22 anos, com a qual pesquisei, ao afirmar que “é preciso ser como um cara para ser mulher na rua”. Anotei em meu diário de campo minha insatisfação em relação a não ter perguntado o que ela quis dizer com essa afirmação.

Tentei retomar o diálogo em outro dia, mas não consegui. Fiquei com a frase ressoando: “pra ser mulher na rua é preciso ser como um cara”. O que ela quis dizer com isso? Seria corresponder aos comportamentos e práticas comumente associadas aos papéis de gênero performados por homens? Realizar uma performance de gênero masculina? Que lugar cabe às mulheres em situação de rua, em uma sociedade patriarcal e hegemonicamente heterossexista? Como sobrevivem nas ruas?

Algumas estratégias de proteção no contexto da rua adotadas por mulheres são discutidas por pesquisadoras, como: vincular-se a uma figura masculina; unir-se a outras mulheres em situação de rua; fazer uso de drogas para não dormir e se sentir “valente” (Sanhotene *et al.*, 2019); travestir-se (Frangella, 2004); criar relações que as amparem, já que sozinhas sentem-se mais vulneráveis (Rosa; Brêtas, 2005).

Em uma pesquisa que investigou as concepções sobre ser mulher neste contexto, Sanhotene *et al.* (2019) observaram que parte das entrevistadas consideraram o abuso conjugal como principal motivo de abandono e fuga de suas casas. Já no estudo de Júnia Quiroga e Marina Novo (2009), as principais razões da ida às ruas relatadas pelas mulheres participantes da pesquisa foram, em ordem decrescente, a perda da moradia, problemas familiares, alcoolismo, drogadição e desemprego.

Para Quiroga e Novo (2009), a perda da moradia ser apontada como a principal razão demonstra que, para as mulheres, a vida nas ruas configura-se como uma última opção, diferente da perspectiva de noção de liberdade frisada por homens em situação de rua. Sanhotene *et al.* (2019), por sua vez, discutem que as mulheres participantes da pesquisa buscaram a rua como fuga de violências várias no âmbito doméstico, porém ali reencontraram outras violências. A violência sexual na rua, por exemplo, foi assistida ou sofrida por todas as participantes do estudo citado.

Interessante ressaltar que, diferentemente do que comumente se encontra acerca da violência contra a mulher, relacionada à violência realizada por

cônjuge ou familiar, as violências relatadas por mulheres em situação de rua, além da conjugal, têm como autores também homens desconhecidos com quem não têm relações afetivas (Sanhotene *et al.*, 2019).

Sobre a presença de mulheres em situação de rua, vemos que os números apontam uma discrepância da presença de homens em situação de rua comparados aos de mulheres. De acordo com o I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (Brasil, 2009), 82% eram homens (equivalente a 22.669 pessoas) e 18% mulheres (equivalente a 4.964). Já na Grande Florianópolis, o censo realizado, em 2017, constatou que, das 934 pessoas entrevistadas, o número de mulheres em situação de rua corresponde a 20,55%, expressivamente menor que os 77,83% de homens. Completam a estatística 1,60% de pessoas sem gênero identificado.

Para Quiroga e Novo (2009), as situações cotidianas que envolvem o corpo, a sexualidade e cuidado dos filhos, bem como a necessidade de lidar com estereótipos normativos em torno da figura da mulher como mulher-cuidadora, do lar e mãe, contribuem para um número expressivamente menor de mulheres em situação de rua em relação aos homens. Essas informações me levam a pensar nas condições de possibilidade para a vida das mulheres na rua, as quais diferem dos homens. Ademais, é preciso olhar o gênero, mulheres cis e transgêneros, de uma maneira interseccionalizada com a raça, etnia e classe.

Tais questões também me levaram a reconhecer minha própria condição de privilégio como mulher branca, cis, pós-graduanda, de classe média. Ademais, com as mulheres que participaram da pesquisa me deparei com diferenças cunhadas sobre desigualdades históricas, as quais instituem possibilidades e condições díspares.

Várias situações me afetaram no encontro com as mulheres com as quais pesquisei. Dentre elas, presenciei recorrentes situações conflituosas e de silenciamento de Aline pelo companheiro, durante os ensaios da peça de teatro.

O sentimento de impotência que me marcava e incomodava nestes momentos foi registrado em Diário de campo:

Em dado momento, ele gritou com a Aline um ‘Pô, Aline!’. Não me contive e interfeiri falando “nossa, mas eu nem ouvi a voz da Aline”. E ele me respondeu ainda em gritos ‘ela tá resmungando ali, eu não tô ficando louco!’. Aline, dessa vez, respondeu ‘não grita comigo!’, em seguida chamando ‘Carol!!’, parecia um pedido de que ela intervisse, Carol fez uma cara de impaciência e me olhou como se pedisse a mim uma intervenção ou algo que o valha. Não soube o que fazer, olhei pra cada rosto pensando no contexto de cada história que ali acontecia, sentia-me incomodada demais para não dizer nada, e estrangeira demais para fazer alguma coisa (Diário de Campo, 2019).

O encontro do meu lugar, como mulher, branca e domiciliada, com essas outras mulheres, negras, pardas e em situação de rua, me revelou as consonâncias, divergências e contrastes em relação às vivências de cada uma de nós. Inquietações. Incômodo. Impotência. Enquanto discutia e lutava pela descriminalização e legalização do aborto com tantas mulheres na América Latina e no mundo, encontrei, com a pesquisa, mulheres cuja pauta de luta é o direito à maternidade (Sanchoete *et al.*, 2019; Santos *et al.*, 2021), como narrado por Débora da Silva. Débora viveu parte de sua gravidez nas ruas, sendo o medo de ser destituída do direito de ser mãe uma constante. Um medo real, decorrente de situações vividas por outras mulheres em condição análoga à sua, como Aline Salles, que me falou, em diferentes momentos, de seu desejo de se aproximar dos filhos que não via há muito tempo. Feridas abertas, no caso delas, que sequer chegaram a cicatrizar.

Cicatriz 3

O título desta última cicatriz é a imagem da colagem que realizei com as fotografias dos figurinos confeccionados para a peça *Saga por um Banho*.

Imagem 1 – Colagem dos figurinos.



Fonte: arquivo da Autoria (2019).

Participaram desse processo de confecção as PSR participantes da oficina de teatro, a mediadora das oficinas, uma estudante de serviço social e eu. As fotos e a montagem foram feitas por mim.

O convite para que integrasse o grupo de apresentação da referida peça de teatro ocorreu em agosto de 2019, no dia em que me apresentei ao grupo. Tímida, falei nesse dia sobre minha pesquisa, do interesse pela peça que havia assistido em 2018 e que sabia que seria apresentada novamente ainda naquele ano. Manifestei o meu interesse em acompanhar os ensaios, de estar com elas/es, e fui, de certo modo, surpreendida pelo convite para não somente observar, mas participar ativamente do processo.

Apesar de já ter frequentado algumas atividades abertas à comunidade no Instituto Arco-Íris antes desse dia, minha chegada ao grupo de teatro não foi fácil ou simples. As anotações em diário de campo possibilitam compreender o turbilhão de emoções que a situação provocou:

Cheguei ao Arco-Íris animada e com frio na barriga, pois estava mais segura para me apresentar como pesquisadora em psicologia social e arte ao grupo após uma conversa com minha orientadora. Avistei da janela cerca de seis pessoas em roda, cada uma com um papel na mão [...] vou até a porta e tento abrir, percebendo que estava trancada. Retornei à frente do prédio do instituto e me sentei em um degrau de um prédio do outro lado da rua, onde dois rapazes conversavam. Um dos rapazes me perguntou se o Arco-Íris estava fechado, respondi que sim e ele respondeu que gostaria de ir ao banheiro. Depois de um tempo, levantei-me de novo até a porta e percebi um papel grudado do lado de fora escrito “fechado” (Diário de Campo, 2019).

“Fechado”. Aquela palavra caiu como uma faca que fatiou meu ânimo e multiplicou o nervosismo. “Fechado” para minha entrada, para o meu interesse e participação, para a pesquisa. “Fechado”. O que eu iria fazer? Como poderia me aproximar quando me deparei com a porta trancada e a palavra grafada à mão, em letras maiúsculas, “fechado”? Retornei ao lugar em que estava sentada e decidi esperar até o fim do ensaio, imaginando que poderia conseguir o contato com alguém quando deixassem o prédio do instituto. Readequiei

minhas expectativas de chegada ao grupo, consegui me acalmar e percebi que eu precisava ter paciência. Então, pacientemente, permaneci ali à espera de uma oportunidade, uma brecha a partir da qual minha entrada fosse possível.

Após algum tempo, uma moça abriu e o rapaz que falou comigo correu para lá. Permaneci olhando e pensando se eu iria até lá também, pois a palavra “fechado” ainda estava sobreposta como um muro à minha frente:

Vi que o rapaz apontou pra mim dizendo alguma coisa para a moça, provavelmente que eu gostaria de entrar também, ela me fez um sinal com a mão para que eu me aproximasse. Sem perguntar nada ela apenas caminhou comigo até a sala onde estavam reunidos, percebi que o papel que todos seguravam na mão era o roteiro (Diário de Campo, 2019).

Após me apresentar timidamente, disse que a orientadora da minha pesquisa era a mesma que orientou outras pessoas que provavelmente eles conheciam, uma dica dada pela própria orientadora como possibilidade de me aproximar. Aline Salles, citada no tópico anterior, me olhou abrindo um largo sorriso respondendo afirmativamente, provavelmente decorrente do vínculo afetivo que criou com Aline Sicari (2018) e Natália Alves (2021). Fiquei feliz com a acolhida, de alguma forma senti uma brecha a partir da qual a minha existência com o grupo tornou-se possível. Fui convidada para sentar junto e assim o fiz. Não tinha o roteiro em mãos, fiquei atenta à leitura que realizavam. Em dado momento começaram a cantar uma música que eu conhecia, não hesitei em cantar junto. Talvez por isso, por estar junto, um dos participantes me olhou e riu contando que se confundiu e quase me chamou pelo nome de outra integrante do grupo que não estava ali. Eu ri e disse que, se fosse necessário e do interesse do grupo, poderia fazer o papel dela já que ela não estava presente naquele dia. A conversa então continuou de maneira mais séria:

Ele desfez o sorriso e me perguntou com o semblante sério se eu realmente poderia apresentar e ensaiar com elas e eles, eu prontamente respondi que sim. Parecendo não acreditar muito ele perguntou de novo: “você teria dis-

ponibilidade? Poderia apresentar no dia com a gente?”, sendo reforçado pela Carol, ministrante das oficinas de teatro e então diretora da peça: “você pode ensaiar na segunda e na sexta?” Ao que eu continuei afirmando que sim (Diário de Campo, 2019).

Em seguida, o mesmo participante fez uma fala de que era preciso valorizar quem estava ali, dizendo ao grupo: “ela não nos conhece e nós não a conhecemos, mas ela está aqui”, e checou com o grupo se todos estavam de acordo com minha participação, ao que todas/os consentiram. A palavra “fechado” que inicialmente me paralisou deu lugar, com o acontecimento aqui narrado, à possibilidade de estar junto; o muro antes sobreposto mostrou-se com uma porta e essa porta foi aberta pelo grupo diante da minha presença.

A alegria instantânea que emergiu com o convite deu lugar a um estremeamento em virtude dos desafios que rapidamente se mostraram, conforme conto a seguir:

Disseram que eu poderia ser a policial que bate nos moradores de rua, que acham que podem fazer o que entendem com homem e mulher de rua. Pensei: “puts, isso pra mim será um desafio, atuar como aquela que faz uma violência que eu tanto repudio, que tanto me revolta e inquieta”; mas não falei nada. Se fosse preciso ocupar essa personagem, eu a faria (Diário de Campo, 2019).

Ao mesmo tempo em que produziu inquietação, a proposta elucidou meu lugar ali: eu estava junto, mas não era “uma delas/es”. Como mulher branca, de classe média, designaram-me o papel justamente que representava os autores de violências contra elas/eles. A força da lei, operada por agentes de segurança pública, distante dos direitos preconizados pela Carta Magna.

São várias as violências vivenciadas por pessoas em situação de rua: a retirada de seus pertences como barracas, cobertores e casas de papelão improvisadas (Sicari, 2018), esfaqueamentos, envenenamentos e espancamentos contra os seus corpos provocados por outros habitantes da cidade, recolhimento compulsório norteado por interesses diversos, entre outros (Teixeira; Santos, 2020). E quem são essas pessoas que realizam essas violências e que seguem

impunes, a exemplo dos assassinos do que ficou conhecido como Massacre da Sé³? Que marcadores sociais, de classe, raça e gênero as constituem? Estariam esses autores dessas violências mais próximos dos marcadores sociais que constituem, também, a mim? Quem sabe, eu realmente fosse a melhor pessoa para representá-los naquele contexto.

A situação me fez compreender que, por mais engajada com a atividade e com o trabalho com o grupo, existiam limites: eu estava “dentro”, mas também estava “fora”. Afinal, eu não era uma pessoa em situação de rua, nem nunca tinha sido. E, além disso, marcadores sociais de classe e raça eram inequívocos. Impossível desconsiderá-los.

Outra diferença também saltava aos olhos naquele momento: se por um lado eu não era uma pessoa em situação de rua, também não era uma trabalhadora do Instituto Arco-Iris, com as quais estavam familiarizadas/os. Além dos desafios de me apresentar e adentrar o contexto do grupo, havia também o desafio de constituir vínculos com as pessoas que trabalhavam no Instituto, o que de certo modo foi facilitado pela mediadora das oficinas:

A Carol me convidou para tomar uma cerveja e conversar no bar em frente e eu fui, pois queria me aproximar dela também. Ela me contou sobre sua pesquisa de doutorado em teatro e, em seguida, sobre os desafios enfrentados no trabalho com o grupo para a criação e apresentação da peça de teatro: as brigas e desentendimentos, o uso de drogas, a dificuldade de reunir todas/os para o ensaio, entre outros. Achei relevante lembrar com ela o que havia dado certo naquele dia: o ensaio que aconteceu, a leitura de uma boa parte do texto, etc. Ainda estava muito tímida e logo me despedi dela e do amigo que se juntou a nós, dizendo “conte comigo” ao que ela respondeu “a gente vai se conhecendo”. Pensei: é... ela não me conhece, por que confiaria em mim? Ao mesmo tempo também pensei: por que, de antemão, ela não confiaria? (Diário de Campo, 2019).

Ela era pesquisadora e tinha muitas inquietações. Partia da assertiva de Mikhail Bakhtin (2003) de que o conhecimento em ciências humanas se constrói *com*

3 Conjunto de atentados ocorridos em agosto de 2004 que resultou na morte de sete PSR na cidade de São Paulo, o Massacre da Praça da Sé gerou comoção nacional e, principalmente, entre as pessoas em situação de rua que passaram a reivindicar ainda mais por justiça, dignidade e direitos dando início ao Movimento Nacional População de Rua no ano de 2005.

sujeitos e de maneira dialógica, tendo em vista que, diferente de um objeto, o sujeito é falante, nos interpela, se posiciona e é partícipe ativo no processo de pesquisar. Por outro lado, me perguntava: como habitar esse lugar de pesquisadora que, ao invés de pesquisar o outro, pesquisava *com* PSR? Que lugar era esse? Ao mesmo tempo em que me questionava, assumia o movimento de me disponibilizar ao grupo e à ministrante da oficina de teatro.

Esses questionamentos me acompanharam ao longo da realização da pesquisa e se assentaram na medida em que o vínculo se fortaleceu, dando espaço para outros. Percebi que me “misturei” ao território mergulhado e não fiz o movimento de ter um pé dentro e outro fora, “estar lá e estar aqui” (Geertz, 1998). Acreditei que tinha este cuidado, mas hoje desconfio que só consegui tirar algum “pé fora” quando fui obrigada a finalizar a participação nos encontros no Instituto Arco-Íris e as andanças pelo centro da cidade, em decorrência do início da pandemia de COVID-19. A partir do distanciamento físico, de um movimento exotópico, pude revisitar os registros em diário de campo e, então, compreender o lugar que eu ocupava na trama das relações com as pessoas com as quais pesquisei.

A assunção de um movimento de exotopia (Bakhtin, 2013; Amorim, 2006), de aproximação e conexão com as experiências e com as/os participantes da pesquisa seguido do distanciamento a partir do qual signifiquei meu próprio olhar e valores, é fundamental no processo de pesquisar. Revisitar os registros em diário de campo, analisar os encontros tecidos, voltar às leituras e escrever sobre o vivido implicou em reconhecer-me no processo de constituir-me como pesquisadora.

O excerto que apresento a seguir evidencia como minha relação com as pessoas participantes da pesquisa se caracterizou ao longo do processo: mergulhei na intensidade dos acontecimentos; era chamada a compor junto, a partir do que era necessário e me era possível; participei da realização da trilha sonora junto à pessoa musicista que também estava em situação de rua – Ricardo, de 32 anos, branco não binário. Ocupei, por conseguinte, um lugar de partícipe ativa

do processo, pois criava também, como é possível compreender nas anotações em diário de campo:

Todos estavam imersos em suas produções de figurinos, a Carol levantou a cabeça e me olhou, mas logo em seguida se distraiu em outra atividade. Decidi deixar de lado também. Cada um estava colocando um pouco mais de si no seu figurino: o Kvera recortava uma caveira para colar no seu figurino, o Omar Jabal colava o símbolo do grêmio e uma foto do Albert Einstein de língua pra fora, ganhada do Kvera. A Débora colava algumas embalagens de produtos de higiene. A Aline me pediu ajuda para escrever em seu figurino “Lute como uma garota”. Toda movimentação me deixou instigada, adorei ver como cada um compunha seu figurino que ao longo dos ensaios sempre foi apenas um pano grande, cinza e grosso que lembrava um cobertor. Passeava de um a um, curiosa com o que cada um estava criando. Me perguntei se eu também não customizaria em nada o meu figurino, peguei uma revista e folheei na busca de alguma ideia, mas nada me vinha. Vi uma imagem de um polvo e lembrei de uma brincadeira de palavras que fizemos em um dos ensaios falando: “povo da rua, polvo da rua, polvo da lua”, recortei o polvo e colei em meu figurino. Refleti sobre meu próprio lugar ali, como pesquisadora e participante: o que significava minha presença ali? O que eu poderia colocar de mim em meu figurino? Escrevi “psico em luta”, era o que fazia sentido pra mim naquele momento... Omar Jabal e Aline Salles chegaram curiosos para ler o que eu escrevia, a Aline disse: “Ah é, tu é psicóloga, né? Baita psicóloga”. Perguntei o que fazia ela pensar isso, ao que ela me respondeu: “ah porque tu também é bem doidinha, todos os psicólogos que vem aqui eu acho que são”. Eu ri e também tomei como elogio: interpretei que, de algum modo, ser “doidinha” era ser fora de um padrão hegemônico atrelado a uma imagem de profissional de psicologia (Diário de Campo, 2019).

Ser adjetivada como “doidinha” foi importante para mim. A relação que construí com as pessoas com as quais pesquisei provavelmente contribuiu para que fosse esquecida, em alguns momentos, minha condição de psicóloga e pesquisadora, como se percebe a partir da pergunta de Aline Salles: “Ah é, tu é psicóloga, né?”. Um esquecimento que fez valer a aposta que fiz na potência dos encontros. Vivi intensamente o campo da pesquisa e deixei-me afetar pela sua intensidade, o que foi fundamental para aumentar a minha potência de agir. O mesmo, ao que parece, aconteceu com as PSR com as quais pesquisei.

Retomo a imagem-título desta cicatriz para visibilizar o que podem encontros que investem no aumento da potência de ação. A cor cinza dos cobertores, signo que se apresenta como identificador das PSR e que os aquece nos dias

frios, tornou-se um fundo, suporte para a criação dos figurinos que seriam utilizados na apresentação da peça teatral. Dentre os materiais disponíveis, cada figura, forma, cor ou frase foi cuidadosamente escolhida por cada participante do processo e também por mim. No cinza inscrevemos, em alguma medida, nossas existências, no rearranjo e junção dos elementos eleitos, de modo que cada um/a se reconheceu na sua própria criação, na sua colagem.

Ao passo que transformamos os cobertores, inscrevendo nossas criações, inscrevemos também a nós mesmas/os, nesse suporte, como sujeitos criadores. A relação com a arte e com a vida mobilizou a criação e transformação de cada um/a e da realidade. No processo de criar, (re)organizamos pensamentos, sentimentos e experiências, objetivando-os (Vigotski, 1999; 2001) na forma de colagens, imprimindo cores sobre o cinza.

O processo de criação no grupo, através dos encontros, criou condições de possibilidade de todes e de cada um/a se reinventar e de vir a ser outras/os, de objetivar-se e se reconhecer como artista da própria existência. Em outras palavras, de pessoas que se expressam no mundo e no mundo deixam suas marcas, de formas e cores variadas. No caso, as marcas que deixam no cinza do asfalto, no cinza do cobertor, tensionam as cinzas das violências institucionais, estruturais e advindas de um sistema capitalista de exploração e produção de desigualdades que sobre as PSR incidem com intensidade, diminuindo sua potência de agir. Os encontros aqui relatados, de certo modo, contribuem com o movimento contrário, pois produzem afecções que possibilitam às PSR aumentarem essa potência e reconhecerem-se como parte de um coletivo. De minha parte, as afecções me mobilizaram à narrativa aqui apresentada, das cicatrizes que perduram inscritas em meu próprio corpo.

*Corpo marcado: o que foi, o que poderia ter sido
e o que pode vir a ser*

O objetivo deste artigo foi analisar algumas das cicatrizes produzidas em meu próprio corpo no processo de pesquisar com PSR. Essas cicatrizes não só reve-

lam os rumos de uma pesquisa marcada por afetos, visões de mundo, valores e comprometimento com as pessoas envolvidas, como também anunciam os caminhos outros que poderiam ter sido trilhados e que se apresentam, quiçá, como suporte para a realização de pesquisas futuras.

O espaço da cidade com o paredão-obra de arte; os desafios, estratégias e lutas das mulheres em situação de rua; e a minha própria constituição de pesquisadora na relação com as pessoas envolvidas e contexto pesquisado, não estavam previstas como foco de discussão da pesquisa quando a mesma foi pensada e planejada na forma de projeto. As temáticas que constituem este artigo emergiram das relações estabelecidas com as pessoas participantes da pesquisa, circunscritas pelas condições em que os sentidos foram coletivamente produzidos, bem como pelos limites e possibilidades do contexto histórico e cultural em que esta ocorreu e as escolhas que fui fazendo no calor dos encontros.

A pandemia de COVID-19 foi certamente a maior limitação, pois produziu um corte em um fluxo de encontros que intencionava perdurassem alguns meses mais. A narrativa aqui apresentada, em decorrência, funda-se nas afecções de meu próprio corpo. Apresentar afecções das próprias PSR com as quais pesquisei demandaria retornar a elas, ouvi-las, o que se apresenta como possibilidade para pesquisas futuras. A minha dificuldade para intervir em algumas situações como, por exemplo, a de violência de gênero que presenciei, apresenta-se também como limitação, ainda que reconheça tratar-se de dificuldade compartilhada e discutida por pesquisadoras/es que compreendem o pesquisar como possibilidade de encontro, no sentido spinozista.

Apesar das limitações aqui apontadas, importante se faz destacar que o processo de pesquisar naquele contexto e com aquelas pessoas, considerando-o como um processo de criação ético, estético e político (Zanella; Sais, 2008), possibilitou importantes transformações no processo de constituir-me pesquisadora. Com elas pude experienciar a cidade de outras maneiras, me

relacionar com os debates em torno dos feminismos com novos olhares e considerar a experiência e a narrativa como artefatos políticos no pesquisar (Mizoguchi, 2015). Ademais, a pesquisa possibilitou o reconhecimento de minha condição de pesquisadora em inacabamento, participe de um mundo complexo também inacabado.

Por fim, destaco que a assunção do pesquisar tal como aqui apresentado, juntamente com as relações construídas com as/os participantes do processo, foi o que possibilitou, a partir das afecções e afetos destas advindas, esta narrativa. Quem sabe possa vir a se tornar, como cita Benjamin (1994, p. 221), “um produto sólido, útil e único” no encontro com cada leitora e leitor que se disponha a escutá-la. Quem sabe o que aqui foi narrado possa ser incorporado, de alguma maneira, às experiências daquela/e que a lê, assim como eu as carrego em minha trajetória? Quem sabe...

Referências

ALVES BRITO, Renan de Vita; CARVALHO, Renato; ROZENFELD, Tatiana. O projeto ArteUrbe: tecnologia e produção de subjetividade / ArteUrbe Project: technology and production of subjectivity. *Revista Polis e Psique*. v. 4, n. 3, p. 217-233, 2014.

AMORIM, Marília. Cronotopo e Exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

ANTONI, Clarissa de; MUNHÓS, Aline Assmass Ruas. As violências institucional e estrutural vivenciadas por moradoras de rua. *Psicologia em Estudo*, v. 21, n. 4, p. 641-651, 2017.

ASSIS, Neiva de. Lixo: outras memórias da/na cidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 28, p. 195-203, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 393-410.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas*, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Rua: aprendendo a contar*: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília: MDS, 2009. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf. Acesso em: 06 out. 2022.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CARUSO, Haydée Glória Cruz. A ordem e a desordem de ontem e de hoje: notas etnográficas sobre a polícia na Lapa carioca. *Civitas*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 66-83, 2015.

FLACH, Guilherme Augusto; PAULON, Simone Mainieri. Da impossibilidade de conter: intervenções urbanas e produção de subjetividade em Porto Alegre. *Horizontes Antropológicos*, v. 25, n. 55, p. 291-317, dez. 2019.

FRANGELLA, Simone Miziara. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin: Os Cacos da História*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

GEERTZ, Clifford. O dilema do antropólogo entre “estar lá” e “estar aqui”. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 205-235, 1998.

GROFF, Apoliana Regina; MAHEIRIE, Kátia. Constituição do(a) pesquisador(a) em ciências humanas: Constitution of the researcher in human sciences. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, n. 1, p. 97-103, 2010.

HISSA, Cássio Eduardo Viana; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. Cidade-corpo. *Revista da UFMG*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 54-77, 2013.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MACHADO, Valéria Aparecida de Souza; LINHARES, Vinicius Lourenço. Corpo e subjetividade: espaços e experiências. *Scripta*, v. 22, n. 44, p. 45-56, 2018.

MALHEIRO, Luana Silva Bastos. *Tornar-se Mulher Usuária de Crack: trajetórias de vida, cultura de uso e políticas sobre drogas*. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. Experiência e narrativa: artefatos políticos de pesquisa. *ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 5, n. 2, p. 200-208, 2015.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. Subjetividade e materialidade: cidade, espaço e trabalho. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21, n. 1, p. 69-85, 2009.

PEREIRA, Marcos Villela. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. *Pro-Posições*, v. 23, n. 1, p. 183-198, 2012.

QUIROGA, Júnia; NOVO, Marina. Elas da Rua: População em Situação de Rua e a Questão de Gênero. In: CUNHA, Júnia Valéria Quiroga da; RODRIGUES, Mônica (Org.). *Rua: Aprendendo a Contar*. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília: MDS, 2009. p. 155-188.

ROSA, Anderson da Silva; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. A violência na vida das mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 19, n. 53, p. 275-285, 2005.

SAIS, Almir Pedro. Reflexões sobre o pesquisar em psicologia como processo de criação ético, estético e político. *Análise Psicológica*, v. 26, n. 4, p. 679-687, 2008.

SANCHOTENE, Iulla Portillo; DE ANTONI, Clarissa; MUNHÓS, Aline Assmann Ruas (2019). MARIA, MARIA: concepções sobre ser mulher em situação de rua. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 146-160, 2009.

SANTOS, Gilney Costa; BAPTISTA, Tatiana Wargas de Faria; CONSTANTINO, Patrícia. “De quem é esse bebê?”: desafios para o direito à maternidade de

mulheres em situação de rua. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 5, p. 1-17, 2021.

SANTOS, Natalia Alves dos. Pessoas em situação de rua e o “centro do universo”: tensões entre a cidade planejada e a cidade praticada. *RUA*, Campinas, v. 27, n. 2, p. 239-264, 2021.

SANTOS, Natália Alves dos. *Pessoas em situação de rua e a cidade: cartografando planos, (in)visibilidades e resistências*. 2021. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Cultura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

SICARI, Aline Amaral. *A cidade, a rua, as pessoas em situação de rua: (in) visibilidades e a luta por direitos*. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Cultura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SIMAS, Rodrigo Silva; MACHADO, Keronlay da Silva. Redução de danos, insumos e experiência estética: uma análise da prática no consultório na rua do município do Rio de Janeiro. *RevistabRATO*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 67-83, 2017.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós- construcionista. *Psicologia e Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

TEIXEIRA, Amanda Moreira. *Psicologia Social e Arte: a experiência de pessoas em situação de rua com o teatro e a cidade*. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

TEIXEIRA, Amanda Moreira; SANTOS, Natália Alves dos. Expressível do Vazio, de Juliana Hoffmann: as tramas das traças a (re)escrita das pessoas em situação de rua na cidade. In: ZANELLA, Andrea Vieira (Org.). *Arte e Cidade, Memória e Experiência*. Piauí: Editora da Universidade Federal do Piauí (EDUFPI), 2020. p. 173-192.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A Educação Estética. In: VIGOTSKI, L. S. *Psicologia Pedagógica*, São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 323-363.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Criação e imaginação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.

WEDEKIN, Luana. Rodrigo de Haro: devoção em Santa Catarina de Alexandria. In: MAKOVIECKY, Sandra; CHEREM, Rosângela Miranda (Org.). *Passado-presente em quadros: uma antologia da história da arte em Santa Catarina*. Florianópolis: AAESC, 2019. p. 121-127.

Recebido em: 24 de junho de 2023

Aprovado em: 05 de abril de 2024